

*Discurso no encontro com empresários da engenharia da construção civil e da indústria imobiliária, seguido de almoço oferecido pela Associação Paulista de Empreiteiros de Obras Públicas (Apeop)*

**CLUBE ATLÉTICO MONTE LÍBANO, SÃO PAULO, SP,**

**18 DE AGOSTO DE 1998**

*Senhor Governador em exercício de São Paulo, Geraldo Alckmin; Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; Senhor Governador licenciado e caro amigo Mário Covas; Senhor Prefeito Celso Pitta; Senhor Presidente da Apeop, Paulo Godoy; Senhor Presidente da Secovi, Ricardo Yazbek; Senhores Presidentes de entidades do setor de engenharia da construção civil e da indústria imobiliária; Senhoras Empresárias; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores,*

O que dizer, depois de tudo que ouvi? Agradecer. Agradecer profundamente, do fundo do coração. O Presidente da República é um paulista, um homem que já veio tantas vezes aqui, a este mesmo salão, para receber apoios, em circunstâncias diversas, às vezes adversas. Volto aqui, depois de quase quatro anos no exercício da Presidência, e encontro este ambiente de carinho, de emoção, estas palavras de entusiasmo.

O que mais eu posso pedir a São Paulo e a vocês? Nada. Agradeço emocionado, na verdade. Ouvi, daquela tribuna, dois líderes empresariais e, depois, o Governador em exercício de São Paulo. Na sexta-feira, vou encontrar-me com líderes dos trabalhadores. E tenho certeza de

que eles, como outras lideranças, diriam mais ou menos a mesma coisa a respeito do Brasil. E eu subscreveria.

Isso é o que me enche o coração de satisfação, de vontade, de energia. Nós coincidimos. O Brasil, hoje, sabe o seu caminho. Não se trata de um projeto nacional que um intelectual iluminado ou um líder político importante desenha no seu escritório. É outra coisa. Nós estamos no trabalho, nas fábricas, nas escolas, nas ruas, nas casas, nas feiras livres, em toda a parte, sintonizados com o mesmo sentimento.

Nós sabemos que este é um grande país, tem um grande povo, tem um destino, que não é de hegemonias bélicas nem de potências imperiais e imperativas, mas é o destino de um país que quer o bem-estar do seu povo, quer dar trabalho ao seu povo, quer enriquecer, quer distribuir melhor a renda e sabe o que vai fazer.

Ao ouvi-los, eu pensava: “Eu não tenho nada a acrescentar.” Nem às críticas, com as quais concordo: “Por que não se dar mais atenção à produção imobiliária?” É necessário, vamos fazê-lo. Nem às críticas, que foram tão poucas: “Por que não ir mais depressa, por que não baixar mais os juros?” Tudo isso, hoje, é consensual.

Quando um país diz o que quer espontaneamente e de forma direta, esse país está salvo, esse país acredita em si. E me alegra vir a São Paulo e ver que aqui, em São Paulo, eu percebo, outra vez, essa força imensa, essa força que vai, realmente, nos permitir esses avanços extraordinários.

Há pouco, conversava com o Deputado Michel Temer, e ele me dizia, e eu direi de público: “Nós vamos fazer as reformas e é possível, ainda neste ano, aprovar algumas delas, inclusive a tributária.” É só ter vontade, coragem e energia que o Congresso o fará, porque é a vontade do povo.

Nós já perdemos muito tempo no Brasil. Eu disse, há pouco, numa pequena reunião com os que me convidaram: nós levamos uma década mais ou menos paralisados. Década difícil de perder, porque era uma década de abundância no mundo. Nós reengrenamos a nossa economia, a nossa vontade política, as nossas capacidades de realização, com algum atraso, num momento em que o mundo já não oferece as mesmas facilidades.

Mas, de qualquer forma, o que é importante sinalizar é que nós sentimos a urgência de recuperar o tempo perdido. E vamos recuperar

esse tempo perdido. Vamos recuperá-lo sem arrogância, sem vontade de impor, mas, sim, convencendo. O que é próprio da democracia é o convencimento, não é a vitória só. E convencer quer dizer vencer junto. E só se vence junto quando se têm argumentos. Por isso, alegrou-me tanto ouvir os argumentos que ouvi aqui. Nós todos temos argumentos para mostrar que é preciso avançar mais, que é possível avançar mais. E avançaremos mais.

Sei que há aqui pessoas de várias partes do Brasil, embora majoritariamente do Sul do Brasil. Quero dizer que temos, realmente, muito a fazer para que o Brasil seja mais igualitário. Como sociólogo, andei por este país inúmeras vezes. Escrevi e fiz pesquisa sobre as várias regiões do Brasil, sobre o Piauí, sobre o Rio Grande do Sul, sobre São Paulo.

Como Presidente da República, nunca parei de andar. Às vezes, até me criticam. Fiz mais de 150 viagens no Brasil e umas 40 e poucas ao exterior. Quem viaja conosco sabe – e dos que aqui estamos muitos viajamos: o Governador Mário Covas sabe, o Michel Temer sabe, o Geraldo Alckmin sabe – que viagens desse tipo são viagens de trabalho, que propiciam um contato direto, importantíssimo, sobretudo as viagens ao interior do Brasil.

Ainda recentemente, no Nordeste, andei por cidades cujos nomes eu nem conhecia. Uma chama-se Monteiro, lá no sertão do Cariri. Outra chama-se Russas, lá no Ceará. E muitas outras, quase desconhecidas para o conjunto do Brasil. Ouricuri, no Araripe, em Pernambuco. Entrei nas casas. Vi gente construindo, com as frentes de trabalho, esgotos muito precários, porque o esgoto era a céu aberto. Em algumas dessas casas, não há água.

Em uma dessas casas, no interior da Bahia, em que não havia televisão, porque não havia energia elétrica, não reconheceram o Presidente da República. Há aqui pessoas que estiveram comigo e entraram nessa casa. Para aqueles que não estão habituados com a pobreza parecia que a casa era muito pobre. Eu, que fiz pesquisas em favelas durante muitos anos, pude ver que não era tão pobre assim. As panelas estavam alinhadas, o banheiro era razoável. Era escura, porque a casa do pobre, nos interiores perdidos do Brasil, é escura. Mas era correta.

Pois bem, quando se vê esse Brasil, ao chegar perto de quem habita essas casas, de quem está abrindo as valas para ter um dinheirinho para poder sobreviver à seca, quem chega perto dessa gente sente, nessa gente, no olhar, no toque – porque essas pessoas pegam na gente por emoção – que elas acreditam, acreditam no Brasil, acreditam nelas próprias, têm esperança. E o que mais me comoveu foi ouvi-los dizer aquilo que eu penso, que eu sinto. O que mais me comoveu foi que, em duas dessas cidades, o que me pediam não era comida, não era água, era, no dizer deles, universidade. Queriam escola.

Um povo que tem essa vontade de ter escola – chamam a escola de universidade –, nesse mundão perdido de um Brasil pobre, é um grande povo, que merece o nosso sacrifício, a nossa devoção, o nosso compromisso para que ele avance.

O que me move, portanto, não são apenas metas, não são apenas estatísticas, embora eu conheça muitas. Eu tenho boa memória para números, mas não é isso que me toca. O que me toca são as pessoas. O que toca é perceber que, realmente, nós podemos melhorar o Brasil. Nós temos as condições de melhorar o Brasil e não precisamos mais ter um Brasil com o sofrimento que ainda se vê em partes importantes do País. É um imperativo moral dar melhores condições de existência para essa gente.

A casa é essencial, porque é símbolo. É símbolo de tranquilidade, de permanência, de futuro, de planejamento para o futuro da família. Nós temos que dar casa a essa gente, temos que dar água, temos que dar esgoto.

Fez-se muita coisa, eu sei. Fez-se aqui, em São Paulo, muita coisa. Ouvi os números e sei que são verdadeiros. E não foi só aqui. Em outras partes do Brasil, muita coisa foi feita também, mas ainda há muito por fazer. E nós sabemos que, para fazer, precisamos colocar ainda um pouco mais de ordem na casa. As reformas que estamos realizando são isto: pôr mais ordem na casa, ser capaz de ter rumo e capacidade de dialogar, saber que ninguém faz nada sozinho. É impossível dirigir este país com a pretensão de estabelecer um rumo, se este rumo não estiver em sintonia fina com o conjunto da sociedade, mesmo sabendo que há divergências, que há interesses que se chocam, mesmo sabendo que, na polí-

tica, os partidos competem, as pessoas competem, e tudo isso é normal. É necessário ter a paciência, a humildade, a tolerância, para buscar a convergência. Mas essa convergência, repito, não se faz por quem conduz o País como se fosse uma pessoa a conduzi-lo. Ela se faz pelo conjunto do País, que se está harmonizando e percebendo, cada vez com mais nitidez, quais são os passos a serem dados.

Essa é a mensagem, e ela não é tecnocrática. Não vim aqui para, ao agradecer-lhes, dizer-lhes: vou atender tudo ou vou atender 30% ou 80%. Vim para dizer muito mais do que isso. Vim para dizer a vocês que estou comprometido com este país e que conto com vocês, porque só juntos faremos aquilo de que o povo precisa: um grande país!

Muito obrigado.

